

ENTREVISTA COM MARGARITA FLORES: NOVAS PRÁTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL CRIATIVO

*Interview with Margarita Flores: new practices for the development
of creative potential*

*Entrevista a Margarita Flores: nuevas prácticas para el desarrollo
del potencial creativo*

Entrevistadoras

Maria Celeste Sanches¹

Kárita Bernardo de Macedo²

Entrevista concedida por Margarita Beatriz Flores Miranda, em 02 março de 2022, pela plataforma virtual Google Meet.

1 Graduada em Design Gráfico pela UFPR, possui Especialização em Moda pela UEL, Mestre em Desenho Industrial pela UNESP, Doutora em Ciências (área de Arquitetura e Urbanismo) pela FAU-USP e Doutora em Diseño, Fabricación y Gestión de Proyectos Industriales, pela Universitat Politècnica de València (UPV-Espanha). Membro dos Grupos de Pesquisa Design de Moda (CNPq), Estudios Transversales en Creación Contemporánea (Universidad Nebrija- Espanha) e da Red Internacional de Investigación en Diseño Sistémico (UPV - Espanha). Colaboradora Internacional da ABEPEM - Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda. Pesquisadora no campo das metodologias de design, concentra seus estudos em design sistémico e sintaxe visual no design de moda, possuindo inúmeras publicações na área, entre as quais se destaca o livro “Design de Moda: estratégias metodológicas em design”. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8907190875740535>; e-mail: tetisanches@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-0533-4793>.

2 Professora do Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC, campus Gaspar, desde 2015; foi coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda dessa instituição (2017-2018). Doutora em Artes Visuais, na linha Ensino de Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestre em História (2014) e bacharel em Moda pela mesma instituição (2011), Especialização em Docência para a Educação Profissional (2019), além de bacharel em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2007). Tem experiência na área de História da Moda e na área de Ensino de Criação em Moda. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7252572511854491>; <https://orcid.org/0000-0002-9583-5590>; e-mail: karitha.macedo@ifsc.edu.br.

RESUMO

A entrevista com Margarita Beatriz Flores Miranda, aborda sua trajetória como arquiteta, pesquisadora, professora do ensino superior de projetos de arquitetura e fundadora da Escola Acto, situada na Cidade do México (México). A entrevistada discute sua busca em desenvolver a criatividade por meio de novas práticas, sobretudo, por meio de sua proposta de um modelo componencial do potencial criativo, o qual se sustenta em quatro componentes essenciais: afeto, cognição, vontade e empatia. Nesse universo, Margarita destaca que a criatividade se relaciona com a autoconfiança e com o autoconhecimento.

Palavras-chaves: Ensino de projeto; Pensamento Criativo; Ensino de Arquitetura.

Resumen

La entrevista a Margarita Beatriz Flores Miranda habla sobre su trayectoria como arquitecta, investigadora, profesora de educación superior en proyectos arquitectónicos y fundadora de la Escuela Acto, ubicada en la Ciudad de México (México). La entrevistada habla de su búsqueda para desarrollar la creatividad a través de nuevas prácticas, sobre todo, a través de su planteamiento de un modelo componencial del potencial creativo, que se basa en cuatro componentes esenciales: afecto, cognición, voluntad y empatía. En este universo, Margarita destaca que la creatividad está relacionada con la confianza en uno mismo y el autoconocimiento.

Palabras llave: Enseñanza del diseño; Pensamiento creativo; Enseñanza de la Arquitectura.

Abstract

The interview with Margarita Beatriz Flores Miranda discusses her trajectory as an architect, researcher, professor of higher education in architectural projects and founder of Acto School, located in Mexico City (Mexico). The interviewee discusses her quest to develop creativity through new practices, above all, through her proposal of teaching a componential model of creative potential, which is based on four essential skills: affection, cognition, will and empathy. In this context, Margarita highlights that creativity is related to self-confidence and self-knowledge.

Keywords: Design teaching; Creative Thinking; Teaching of Architecture.



Fotografia de Margarita Flores, 2022.

Margarita Beatriz Flores Miranda é Doutora em Desenvolvimento do Potencial Criativo, pela Universidade Politécnica de Valência, 2020. Mestre em Arquitetura e Urbanismo, pelo programa *Design Research Laboratory*, da *Architectural Association*, 2002. Mestre em Arquitetura, pelo Instituto de Arquitetura Avançada da Catalunha, 2003. E, Arquiteta pelo Instituto Tecnológico de Monterrey, 1998. Em 2020 fundou a Escola ACTO e desde 2011 dirige seu próprio escritório voltado para projetos arquitetônicos. Foi cofundadora e codiretora do Dear Architects 2007-2011, escritório vencedor da Bienal Latino-Americana de Arquitetura, Pamplona, 2015. Curadora da Exposição *OBJETO DE REFLEXÃO 60 Anos de Arquitetura Universidad Iberoamericana*, 2015. Membro da Seleção e Tutora de Arquitetura do Programa *Jóvenes Creadores, Fondo Nacional para la Cultura y las Artes*, 2015 e 2016. Coordenadora do plano diretor “*SocióPolis Proyecto para un Hábitat Solidario*”, Valência, 2003. Trabalhou como gestora de oficinas na *at.103* e gestora de projetos para Vicente Guallart, Enric Ruiz Geli e Enrique Norten. Diretora da carreira de arquitetura no CEDIM, Monterrey, 2007. Coordenadora acadêmica do Centro Metropolitano de Arquitetura Sustentável, CDMX, 2009. Atualmente é professora de Projetos na Universidad Iberoamericana e no Mestrado em Arquitetura Avançada do ISAD.

Entrevistadoras:

O que é a escola Acto e onde fica o espaço Laguna, local em que está situada?

Margarita Beatriz Flores Miranda: A escola Acto é um projeto que responde, em grande parte, ao que aprendi com minha pesquisa de doutorado e que não queria deixar somente em uma tese escrita, mas sim desenvolver aplicações práticas que ajudassem a orientar minha profissão. Laguna é um espaço que fica na Cidade do México, em uma área bem no centro da cidade, *Colonia Doctores*, cujas origens remontam a 1889. O edifício do espaço Laguna remonta à década de 1920 e foi fundado como fábrica de fios e têxteis. Atualmente, é um espaço onde convivem vários escritórios comprometidos com projetos criativos. Ali é onde está a sede da Acto, escola voltada para o desenvolvimento do potencial criativo, onde também funciona meu escritório de arquitetura. Existem outros escritórios de arquitetura, gente que faz móveis, gente que faz cerâmica, gente que faz até gastronomia. Então, somos muitas disciplinas que formam uma comunidade. De minha parte, sou a única que faz um trabalho acadêmico, ou seja, de formação, e que o produto é o conhecimento. O local é uma mistura entre uma antiga fábrica onde eram feitos os fios, os bordados, e uma ala totalmente nova, que respeita o estilo da fábrica. Do ponto de vista prático, gosto muito de fazer oficinas para poucas pessoas, já que a prioridade é oferecer um atendimento personalizado ao aluno, o que é muito diferente de uma sala de aula tradicional, no nosso caso estamos todos sentados em uma mesa grande. Até agora, as oficinas são voltadas para arquitetos, até agora, pois é a disciplina que conheço. Eventualmente eu gostaria de abrir as oficinas para mais disciplinas, mas por enquanto trabalhamos com arquitetos.

Entrevistadoras:

Quantas pessoas você tem em cada oficina?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Varia, quando se trata dessa oficina em especial, que se chama Novas Práticas, tivemos até 26 alunos. O que fazemos é ter um professor para cada 8 alunos. Estamos todos trabalhando juntos, mas a atenção é de um para oito.

Entrevistadoras:

Vimos que você compartilha esta oficina com outros professores.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Com outros dois, Francisco Quiñones e Nathan Friedman, com quem criei a oficina Novas Práticas. Temos uma espécie de salão, onde ministramos conteúdo teórico e onde estamos todos gerando uma comunicação sobre um tema comum. Depois, cada aluno desenvolve uma linha de exploração. Entre eles também há momentos em que se apoiam para resolver seus trabalhos. E outra coisa importante é que convidamos profissionais. Convidamos arquitetos profissionais para vir e discutir o trabalho com os alunos.

Entrevistadoras:

Os participantes das oficinas são arquitetos formados ou também podem ser estudantes de arquitetura?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, existem as duas opções, porque na realidade o que tento fazer é preencher aquelas lacunas que na Universidade, no México, não são preenchidas, como a introspecção e o conhecimento de si mesmo. Então nós temos alunos a partir do quarto semestre ou até cinco anos depois de já formados, é uma gama de participantes bem ampla.

Entrevistadoras:

E eles são misturados nas oficinas? Há uma troca de experiências entre as pessoas que já estão no mercado e as que ainda não estão?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, estão misturados. Isso é muito bom, porque a liberdade, ou até a ingenuidade dos mais novos injeta energia nos mais velhos. E aos que já estão no mercado agregam uma espécie de filtro de realidade.

Entrevistadoras:

Você poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória profissional, sobre como surgiu seu interesse em desvendar o pensamento criativo e promover seu desenvolvimento na docência.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Principalmente, acho que a primeira influência é que fui a uma escola Montessori. Durante toda minha escola primária e jardim de infância, fui uma “criança Montessori” e eu gostava muito da escola. Gostava muito dessa liberdade,

em que me apresentavam um menu de opções e eu podia escolher livremente qual delas desenvolver. Sempre com a responsabilidade de completar todo o material. Acho que isso despertou meu amor pelo aprendizado. Mais tarde, tive uma educação muito convencional, no TEC, um Instituto Tecnológico da cidade de Monterrey, já que eu morava no Norte naquela época. Era uma educação muito técnica, então senti como se me dessem espécie de fios de conhecimento, mas que nunca me ensinaram a tecer. Eu sabia que isso podia ser feito, porque eu já estive em uma escola onde me ensinaram a tecer o conhecimento a partir dos meus interesses, a escola Montessori, mas quando cheguei no TEC, era tudo muito isolado.

Terminei minha graduação, trabalhei por dois anos como arquiteta e decidi que havia um vazio que eu tinha que preencher, que era minha formação como arquiteta: pois ela não era suficiente para me sentir criativa, sentia-me mais criativa quando era criança [risos].

Então procurei por escolas ao redor do mundo e fui para Londres. Em Londres há uma escola de arquitetura em que somente se ensina arquitetura. Essa escola é chamada de *Architectural Association School of Architecture*. Quando cheguei lá, percebi que a arquitetura poderia ser ensinada de uma forma muito mais criativa, onde cada um podia ou tinha que expressar suas próprias formas de ver o mundo. Desse modo, ciente de que isso poderia ser feito, eu disse: quando voltar ao meu país, tenho que fazer algo para contribuir com uma nova forma de ensinar. Depois, fui para Barcelona estudar e trabalhar com um grupo que me parecia muito criativo. Estando lá, fui convidada para fazer um mestrado. Então, fiz mestrado em arquitetura avançada, mas no final eu acabei fazendo o programa do mestrado [risos]. Aquele mestrado, quer dizer, aquela vida em Barcelona, me deu um projeto como profissional em Valência. Assim, conheci Valência através de Barcelona.

Em seguida, voltei ao México e começo minha atuação como profissional, trabalhando para outros escritórios e então, há mais de 15 anos, comecei meu próprio trabalho como arquiteta, meu escritório, mas sempre dei aulas. Desde que voltei ao México, estou dando aulas na Universidade e descobri que tenho um método de ensino que deixa os alunos bastante felizes. Então conheci Bernabé [Bernabé Ortuño, orientador da tese de doutorado], que me fez ver que eu tinha um jeito de estimular o potencial criativo, porque mostrei-lhe o trabalho dos meus alunos, que tem muito a ver com a expressão, com o desenho, como uma ferramenta de arquiteto para propor ideias e partilhá-las com os outros. Ele me incentivou a fazer um doutorado sobre como eu ensino, acredito que ele sugeriu isso para que eu pudesse compartilhar essa forma de ensinar com outros professores. Então comecei o doutorado, no qual realmente estudei psicologia por cinco anos. O que fiz com o Bernabé foi muito interessante, uma vez que, como arquiteta e professora, estudei a linha da psicologia que trata do comportamento criativo que é estudada pelos psicólogos, mas a partir da lógica intelectual de Bernabé, que é a produção industrial e o pensamento sistêmico. Acho que essa mistura foi muito positiva.

Entrevistadoras:

No final, você tem aí uma integração de algo que na prática criativa é muito importante, quando falamos de projetos ou de produção em design e arquitetura, que é gerir o pensamento criativo e seu uso prático para solucionar questões do contexto.

Margarita Beatriz Flores Miranda: A integração entre o pensamento criativo e seu uso prático é essencial para alcançar uma contribuição valiosa, pois a utilidade é sempre demonstrada pelo contexto, quando o produto retorna à sociedade e a sociedade diz: sim, você aumentou o valor. Assim, podemos falar de um ato criativo. Se ficam apenas as ideias, pode ser uma ideia maluca e original, mas não é útil, então não é criatividade. Isso é muito importante para ensinar os alunos. O ato criativo se completa com o reconhecimento da sociedade, com essa avaliação externa.

Entrevistadoras:

Retomando algo que você disse, que voltou para o México com essa intenção de levar uma forma diferente de ensinar arquitetura, perguntamos: como foi fundada a escola Acto? O que lhe motivou? Você já comentou que toda essa experiência foi fora do México, mas como realmente começou essa abordagem pedagógica que move a escola?

Margarita Beatriz Flores Miranda: O estímulo para começar foi algo que estava no entorno, como você disse, já que tem a ver com um grupo de estudantes da Universidad Iberoamericana. Dou aula no quarto e no oitavo semestres e depois do oitavo resta um ano de tese [trabalho de conclusão de curso]. Então, um grupo de alunos queria que eu trabalhasse com eles em suas teses, porque achavam importante ter um desafio em que teoria e prática estivessem relacionadas. E essa oferta não existe na Universidade, ou é uma tese teórica ou é uma tese prática. Então, como a Universidade não me deu esse espaço, E com alguns amigos; Nathan Friedman, um estadunidense que mora no México, e Francisco Quiñones, um grande amigo e que em algum momento foi meu aluno, eles disseram, bem, vamos fazer um projeto. Eu tinha acabado de terminar meu doutorado e disse, vamos fazer isso, é o momento perfeito. Bem, veio disso, de alguns alunos que queriam. [risos].

Tem funcionado muito bem e chamamos essa oficina de Novas Práticas, com o desejo de que cada um pratique e contribua com a sociedade fazendo o que mais gosta de fazer. Assim, cria-se um bom entorno, um elemento básico da criatividade é que faz parte dos quatro “P”s da criatividade. Um é a Pessoa, o outro é o Processo, o outro é o Produto e o último é aquele que chamam de *Press*. *Press* vem do inglês e parte do princípio que

existe uma Pressão no entorno, que vai tanto estimular quanto inibir o processo criativo.

Então eu me preocupo porque acredito que a escola tem que criar o entorno. Como se constrói este entorno que vai do físico ao psicológico? Assim, fui motivada a criar um entorno de confiança - essa é a palavra, para mim, mais importante – para um grupo pequeno ou às vezes maior, mas que trabalhem sempre em prol do desenvolvimento do potencial criativo. Para isso, analisamos como motivar a confiança dos alunos, como despertar ou voltar a reativar esses interesses que vêm quase da alma, que confiem neles, que os vejam frente a frente e que configurem um projeto em acerca disso.

Esses alunos vêm quando estão terminando o curso. Não é que façamos a tese aqui, porque eu não posso, não tenho uma instituição que endosse uma tese da minha oficina. O que fazemos é orientá-los a reconhecer isso que acabei de mencionar, seus interesses. Então, estabelecemos metas, como: Qual é a sua meta profissional? Como você se vê daqui a 50 anos? Abordando também o tema do produto, como bem me ensinou Bernabé. Agora temos alunos que estavam perdidos em relação a que caminho seguir e deram o próximo passo no seu desenvolvimento profissional. Bem, nós fizemos a primeira oficina há quase dois anos, agora os alunos estão sendo aceitos nas Universidades de Cornell, Harvard, MIT (Massachusetts Institute of Technology), porque eles entenderam que era isso que queriam estudar. Tenho outros [alunos] que começaram seus negócios ou que estão trabalhando com as pessoas com quem vão desenvolver seu potencial. Então, acredito que hoje o valor dessa oficina, deste tipo de educação, está começando a ser demonstrado.

Entrevistadoras:

De acordo com o que pesquisamos, há outra oficina que está diretamente relacionada ao processo criativo, essa surgiu depois?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim. Essa acabou de começar e é ministrada por mim mesma. É um grupo piloto de seis alunos. Tenho um aluno de 38 anos que é o mais velho, ele tem seu escritório que está indo muito bem, e o mais novo é um aluno que está na Universidade agora fazendo sua tese. E eu adoro isso, porque é uma exploração completa, é muito introspectivo e o que fazemos é definir um problema que queremos resolver. Um problema que afeta nossas vidas. Podem ser casos tão profundos quanto... Por exemplo: já tenho um escritório que está crescendo, mas está tirando minha liberdade de vida. Ou seja, o problema é: como consigo desenvolver uma prática profissional do meu escritório, mantendo qualidade de vida? Então, esse será o problema a ser resolvido.

Outro aluno, por exemplo, viu que no âmbito do paisagismo, na Cidade do México, existem poucos profissionais, por isso, ele quer formar um escritório em que o paisagismo

seja mais como jardinagem. Ele fará um livro sobre como qualquer pessoa pode elaborar uma paisagem linda para sua casa ou para a cidade. São problemas pessoais muito autênticos e o que eu faço é orientá-los, ensinando-os a partir de distintos pontos: O que é criatividade? Quais são seus elementos? O mais importante, qual é a minha paixão? O que é o processo criativo? Quais são suas etapas? Como cada um lida com elas? E, ao mesmo tempo, passamos por cada etapa, abordando aquele problema. Agora estamos na primeira etapa que é definir o problema, que tem a ver com uma emoção muito importante, que seria o carinho. Como eu me emociono ou como me relaciono de forma afetiva com esse problema?

Baseado na minha tese, eu determinei, que havia uma série de atributos, que são agrupados em quatro componentes que estão diretamente relacionados a cada etapa do processo criativo. Nós os avaliamos nesses atributos, por meio de uma série de testes, antes e depois do trajeto criativo, e realmente está funcionando. Ou seja, há alunos que descobriram que sua fluidez é muito limitada, enquanto sua flexibilidade é muito ampla. Além disso, poder discernir entre flexibilidade e fluidez ao longo de um processo criativo, ajuda a ver onde está seu potencial e, igualmente, a começar a trabalhar nesses quesitos. E como nós somos um grupo, o interessante é que vai ter alguém que é muito flexível ou pouco fluído, quer dizer, que estará mais ou menos o inverso. E ver o exemplo, bem, isso te ajuda.

Entrevistadoras:

Então, durante a oficina, eles passam por todo o processo. A ideia é sair com uma proposta, uma possível solução para o problema que identificaram no início?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim. Estamos desenvolvendo formas de medir, analisando como propor metas mensuráveis. Por exemplo, o estudante que quer fazer o livro de paisagem, ao mesmo tempo, se candidatará a uma bolsa oferecida pelo Governo do México para projetos que tenham a ver com as artes, a arquitetura entrando como parte das artes. Se lhe derem a bolsa pela elaboração deste livro, talvez isso já seja uma avaliação do entorno frente ao seu produto. Além disso, os resultados da bolsa sairão justo quando a oficina termina, a partir disso podemos começar a avaliar. Por isso, peço aos alunos que façam projetos palpáveis ou realizáveis em quatro meses, que é a duração da oficina, 60 horas de aula. Essa é a intenção para que eu possa ver se o resultado foi validado pelo entorno [contexto sociocultural], que seria a última fase, a última etapa do processo criativo.

Entrevistadoras:

A proposta pedagógica da Acto apoia-se em três pilares fundamentais: a autoconfiança do indivíduo, a expressão genuína e o gosto pelo conhecimento. Com base no que você acabou de dizer, que eles vão identificar um problema no nível afetivo e que tenha a ver com suas questões pessoais, podemos concluir que há um estímulo para o desenvolvimento da autonomia, da autodescoberta, uma busca de uma identidade autoral e de potencialidades individuais?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, absolutamente. Todos esses pontos que você acabou de mencionar fazem parte daqueles que são, para mim, os atributos. Há um momento em cada etapa do processo criativo em que vamos avaliá-los e falar sobre eles. Por exemplo, o tema da autonomia aparece mais na terceira etapa do processo criativo. É quando você já tem a sua hipótese, você decidiu uma forma de resolver o problema e o que você tem que fazer é trabalhar muito para expressar o seu produto. É aí que entram todas essas habilidades, como autoestima, autodeterminação, autoconfiança. Isso sim, é um trabalho muito individual, que é o que não acontece na Universidade. Não há tempo na Universidade para trabalhar com cada aluno dessa forma, e nem todos os alunos querem isso também. Ou seja, embora seja algo bonito e aquilo para o que somos chamados na vida, há pessoas que têm muito medo disso. Então, o que eu gosto é que entre nós que nos reunimos, existe um espaço onde todos nós queremos essa busca, por mais difícil que seja.

Entrevistadoras:

Para esclarecer um pouco, existem esses três pilares que sustentam as etapas do processo criativo e as habilidades criativas, ou seja, essas habilidades que são desenvolvidas durante a oficina. Então, o que gostaríamos de saber é se você usa ferramentas específicas ou se o aluno tem que descobrir seu próprio processo criativo e as ferramentas são variáveis para cada um?

Margarita Beatriz Flores Miranda: A primeira coisa é que os três pilares são uma constante para mim, que é o meu acordo com os professores que entram aqui. Em outras palavras, você como professor deve estar disposto a reconhecer que seu trabalho é auxiliar o aluno a gerar mais confiança em si mesmo, que seu trabalho como professor é fazer com que o aluno desenvolva uma expressão genuína, que seu trabalho como professor é ensinar o que você ama, para que o aluno ame o que você está ensinando. Essa é minha base. Se um professor não concorda que isso faz parte da profissão, da docência, então ele não pode fazer parte da minha equipe. Para mim, essas bases são uma constante e constituem

a forma como percebo o ensino. Isso não é uma conclusão, esses pilares são mais como uma reflexão que elaborei durante dois anos depois de ter finalizado o doutorado,, mas o que existe é uma lista de atributos, ou seja, em termos de metodologia, já na aula de processo criativo existem as etapas que eu divido em quatro.

Então, o método seria ensiná-los ou que saibam que existem quatro etapas. O que está acontecendo em cada etapa? Por exemplo, uma muito importante é antes da ideia chegar, a famosa iluminação, que se não houver iluminação, não se pode falar de processo criativo, porque não está resolvendo nada de novo. Em outras palavras, você tem que chegar a um ponto em que diga: Eureka! Aqui está a solução, eu não a tinha imaginado antes, estou muito animada e quero desenvolvê-la. Entretanto antes que este momento chegue, há uma etapa de frustração, porque a mente já atingiu seu limite e é necessário que os alunos saibam que o que eles têm que fazer é ir incubar ao invés de se decepcionar com eles próprios. Então você diz a eles: OK, você atingiu o limite, deixe o problema em suspenso. A metodologia implica ir revelando etapa por etapa, porque quero que se concentrem na etapa em que estão. Se na primeira etapa o aluno quiser usar muito a lógica, bem, eu digo que não. Agora não é hora de ficar pensando tanto, agora é hora de usar a imaginação, a fantasia, associar remotamente as ideias, ser curiosos. Logo, eles têm que focar nisso, porque, geralmente, querem fazer através da razão e assim uma ideia criativa nunca sairá.

Entrevistadoras:

E ao mesmo tempo, ao estimular a flexibilidade você também pode proporcionar maior fluidez, não é mesmo?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, os testes que eles fazem são testes que eu pego da psicologia e adapto um pouco para deixá-los mais divertidos, porque a maioria deles são para crianças. O que não é ruim, ou seja, como adultos, é bastante difícil para você resolvê-los, porque você tem que se sentar e ser flexível por 7 minutos, nada além do que ser flexível e é um desafio. Deste modo, o próprio teste em si é uma prática da habilidade.

Entrevistadoras:

Na Acto, enfatiza-se a importância da percepção do contexto e do processo criativo dos arquitetos por meio de uma leitura mais ampla de seu entorno. Além de criar um ambiente propício à criatividade. Na mesma linha, pensamos que esta abordagem é essencial para a prática de qualquer criador e que talvez devesse ser expandida para muitos profissionais contemporâneos. Você acha que na formação de designers e arquitetos não

se valoriza o entorno? Em outras palavras, essa conexão não é valorizada na prática do processo criativo em sala de aula, não é enfatizado que para criar algo temos que estar atentos ao que está acontecendo ao nosso redor. Por outro lado, há a produção em massa de produtos que, muitas vezes, é voltada para o *mainstream*, atendendo um grupo muito restrito e deixando parte da sociedade à margem. Ou seja, produzimos mais do mesmo e não olhamos ao nosso redor para o que nossa comunidade precisa. Você acha que atualmente haveria uma desconexão entre o universo da criação e as reais necessidades do meio ambiente?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Claro, acho que é uma questão muito importante sobre a qual devemos começar a falar. Ainda mais se somos professores, se estamos nessa tarefa de educar e definitivamente sob a pressão do que é tendência, não devemos falar apenas da produção de objetos, mas também valorizar a produção de ideias. Parece que todos nós temos que pensar na mesma linha. Acho muito importante que nós professores fazemos esses questionamentos, a ponto de integrar mais coisas que estão de fora. Depois de toda essa ondata pensar sobre o que “deveríamos estar projetando” e “como deveríamos estar projetando”, acho que muitos danos foram causados ao desenvolvimento do potencial criativo da sociedade em geral. Eu acredito que ser professor, de certa forma por vocação, envolve muito trabalho, como entender: OK, isso é uma tendência, eu não vou ensinar essa tendência, mas vou abrir a perspectiva para que o aluno tenha mais opções para engajar-se em algo que chame a sua atenção e que não precisa estar na moda. Assim, propomos que o aluno se posicione em um ambiente mais amplo. É um ótimo trabalho, é como sempre começo as aulas, porque o aluno tem que criar um projeto desde o início. Nesse âmbito, em uma aula de projeto, eu digo: bem, vamos começar com alguns interesses comuns. Então deixo aberto para o aluno dizer quais serão seus referentes. Obviamente eu tenho que observar se o referente tem um valor que dá ao aluno ferramentas para projetar. Minhas aulas de projeto começam com eles me dizendo qual é seu produtor de cinema favorito, ou seu tema favorito do Chef, ou seu tema favorito da sociedade, um psicólogo, alguém da filosofia. E a partir daí, como começar a encontrar os valores desses criadores que são seus referentes e os ordenar. Entendo que se o aluno é atraído por uma referência, é porque esta referência traz um sistema de ordenação pelo qual o aluno já se sente atraído.

Assim, cada aluno traz para a mesa, imaginemos que a mesa é a sala de aula, uma referência que expressa de forma mais concisa o que deseja se tornar. Logo em seguida, começamos o projeto, mas eu não sou a professora que chega e diz a eles, vamos construir um hospital em um terreno de 2.000 m², etc. Eu digo a eles: definam o que vamos fazer. Acredito que o aluno tem a capacidade de compreender o entorno e cabe a nós orientá-lo

nessa compreensão. É claro, dar a eles a responsabilidade de definir o entorno em que querem trabalhar.

Entrevistadoras:

Qual a importância de estar em um espaço de criação coletiva, que é uma antiga fábrica têxtil, e em que se promove uma relação com a inovação em várias áreas? Porque tem gente do design, da gastronomia, da arte. Então, que contribuição esse espaço e essa interação podem trazer para suas oficinas ou para a proposta da escola?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, para mim é importante porque, primeiramente, traz uma espécie de liberdade de ideias, certo? Ou seja, a ideia é algo que o aluno gera na cabeça dele e é dele. E quando se dão conta que é possível, porque já tem alguém lá fora fazendo uma oficina de moda ou alguém está fazendo um jantar maravilhoso porque vem um chef naquele dia, eles dizem: é claro, isso pode ser feito, alguém já está fazendo isso. Minha ideia não é louca ou descabida. Tem gente que já se comprometeu com essa ideia e isso me motiva.

Por isso eu gosto muito, porque é muito diversificado e muito flexível. Além disso, tudo que existe ali passou por uma espécie de curadoria. Na verdade, para estar nesse lugar o curador verifica se os projetos estão contribuindo com algo autêntico. Eles devem ter um pouquinho de busca individual e contribuir com o entorno. Nossos espaços de trabalho estão abertos ao público e um vê o espaço de trabalho do outro.

Então, quero que meus alunos, entre si, sejam uma comunidade de arquitetos na qual o valor é que cada um é diferente. Assim, há até uma cumplicidade, porque quando alguém diz “vou te contar a minha ideia e você a sua”, eu sou como um cúmplice de que “a sua ideia é uma e você tem que se comprometer com ela”. Forma-se uma comunidade de jovens arquitetos, que partilham a procura por uma prática que apoie o entorno naquilo que mais gostam de fazer. Para mim, esses são os pontos principais: sou livre para acreditar no que quero, porque outra pessoa já fez isso e me ensina na vida real que é possível. Por outro lado, somos uma comunidade onde cada um contribui com um valor específico e não há competição, mas sim uma harmonia de mentes criativas que procuram o seu próprio caminho de expressão. Para mim, a expressão é muito importante e acredito que todos estudamos design ou arte porque queremos nos expressar, porque temos vontade de mostrar para o mundo ao mundo nossa maneira de vê-lo.

Entrevistadoras:

Nessa ideia de comunidade, parece-me que o conceito de transversalidade acaba surgindo, naturalmente. Ou seja, durante o processo, seus alunos irão vivê-la. Dentro da oficina isso deve ser muito rico para ampliar o processo divergente ou proporcionar novas conexões de conhecimento, o que talvez não aconteceria se a pessoa estivesse sozinha, criando em seu escritório ou oficina pois não estaria compartilhando percepções.

Margarita Beatriz Flores Miranda: O que você acabou de dizer me fascina, duas palavras que eu nunca tinha ligado dessa forma e para mim é uma descoberta. Obrigada. Transversalidade é uma palavra muito usada nos projetos curriculares, propondo conectar todo o conhecimento em rede em cada semestre, o que é uma mentira. Não encontrei um modelo de ensino em arquitetura que conecte todas as aulas, ou seja, nunca encontrei uma escola que realmente faça um aluno entender todas as matérias a partir de, talvez, um projeto. Em geral, [em nossas oficinas] não damos uma aula específica, mas abordamos tópicos essenciais para os quais nunca dedicamos o devido tempo para abordá-los. Por exemplo, como descobrir qual é o seu processo criativo. Bem, não sei quantas pessoas passaram mais de uma hora tentando entender qual é o seu processo criativo. Por isso, a nossa abordagem é: você vai dedicar 60 horas para alguém que já estudou isso te dizer: essa é a teoria, agora a gente vai descobrir como é o seu processo criativo. Outra oficina que damos é a da representação, que tem a ver com encontrar sua forma de se expressar de forma autêntica por meio do desenho, ou seja, usando o desenho, não aplicando-o tecnicamente, mas como ferramenta de comunicação. Esses são temas transversais, em que você precisa conectar tudo o que sabe para chegar em sua expressão própria. Eu acredito que criatividade é isso, basicamente, novas formas de conectar a informação que existe em nosso cérebro e no entorno. Quando a “Eureka” chega, é porque o cérebro fez uma grande conexão e ele te diz, olha, se você combinar isso com isso e com isso, você resolve o problema.

Entrevistadoras:

Acho ótimo, porque às vezes as pessoas falam do processo criativo como se fosse uma invenção do nada, o que acho que ainda é um resquício da ideia de “gênio criativo”. Na verdade, criar não é negar o que já existe, mas ver o que existe de outra forma, conectá-lo de outra forma.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, a neurociência agora está muito interessada na criatividade, porque justamente aquele momento em que conectamos algo novo é uma sinapse. Obviamente o gênio tem que ser desmistificado, você só tem que trabalhar duro para chegar a esse momento: a ideia. Um famoso autor disse que a iluminação nada mais é do que um momento em que a mente relaxa depois de muito trabalho em busca de uma solução.

Entrevistadoras:

A mente sem o “alimento” não cria. A mente se alimenta das informações geradas pelo trabalho que você faz para conectar seu conhecimento e tudo o que vê ao seu redor. Uma mente que não passa por isso não é uma mente criativa, ou seja, dificilmente gera um *insight* para inovação.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Exatamente, e isso está escrito em muitos artigos. Se você não alcançar esse momento de iluminação, você não está resolvendo nenhum problema criativo. Você estará resolvendo um problema convencional de forma mais bonita talvez. Outro autor diz que se você já tem um método para resolver um problema e só vai aplicá-lo, não tem problema nenhum, certo? Você já sabe como fazer. Então faça.

Entrevistadoras:

Voltando à ideia de colaboração, de comunidade, como esse ecossistema colaborativo influencia no desenvolvimento do potencial criativo? Já existe uma atividade formalizada na escola que é realizada em conjunto com outras disciplinas que estão abrigadas no Espaço Laguna, como arte, design ou gastronomia?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Ainda não, mas se há uma oficina, se vai ser feito um evento ou se vai ser apresentado um produto, vamos todos. Nós sempre sabemos o que o outro está fazendo. Tem um jornal da Comunidade Laguna, em que todo mundo escreve um parágrafo ou algo assim e ficamos sabendo o que cada um está fazendo. É um esforço que o Laguna faz e gosto porque, no meu caso, é uma aposta no futuro. Meu sonho seria poder ensinar crianças de 8 anos, essa é minha grande motivação, pois dizem que aos 8 anos nossa criatividade está em declínio, em queda livre, porque começamos a nos preocupar com o que pensam de nós. Esse seria o meu sonho, mas bem, para começar a trabalhar com crianças acho que tenho que trabalhar com adultos por mais alguns anos.

Neste momento há outro desafio para mim dentro da minha oficina de processo criativo: é possível avaliar a criatividade? Ela pode ser conscientemente aprimorada? Acho que sim, agora é hora de experimentar. Esse é o meu desafio atual, mais tarde quero convidar artistas para que possam dar aulas para qualquer pessoa. Por exemplo, eu danço e acho que meu professor de balé, que é um ótimo professor, poderia ensinar a qualquer pessoa os movimentos básicos do corpo e criar uma coreografia. Eu adoraria que um escultor viesse e ensinasse a alguém que não é escultor os processos básicos de montagem de uma escultura. Essa seria a minha próxima aposta e acho que é a primeira coisa que vou fazer no campo da mistura de disciplinas. Desenvolver diferentes canais de expressão, porque acho importante dar-nos a oportunidade de nos experimentarmos noutras áreas, de ver qual é a minha expressão na dança ou a minha expressão na pintura. Acho que isso pode ser muito libertador para a alma e como ferramenta de autoconfiança.

Entrevistadoras:

Parece uma ótima ideia, porque para ser criativo você precisa desenvolver autoconfiança.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, 100%. A autoconfiança é uma das consequências mais bonitas que você alcança ao ousar ser criativo: confiar em si mesmo. Quando você é criativo, a confiança aumenta naturalmente.

Entrevistadoras:

Mudando um pouco de assunto, você já comentou várias vezes como sua tese de doutorado a ajudou. Nela você gerou um modelo sistêmico, denominado Modelo Componential do Potencial Criativo, que se concentra nos componentes da criatividade, da pessoa, de seus processos, de suas ações e do ambiente em que esse processo ocorre. Bem, para chegar ao modelo você realizou um estudo que integra uma profunda investigação teórica e uma parte empírica, analisando as habilidades criativas e seus principais componentes. Isso ajudou você a identificar os atributos essenciais da criatividade: afeto, cognição, vontade e empatia. Conte-nos um pouco mais sobre como você estabeleceu essas correlações.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Esses atributos, na verdade, vêm de ter revisado os autores mais importantes ou mais citados da psicologia que estudam o comportamento criativo e fazem testes. Ou seja, eles analisam habilidades que foram comprovadas

de alguma forma como habilidades criativas. Com o apoio de Bernabé, decidimos examinar toda a lista de habilidades e sintetizá-las. O método foi agrupar as que se repetem e depois retirar as que significam o mesmo. Assim, chegamos a uma lista de 38 habilidades, que tiveram que ser definidas não por mim, mas a partir da síntese de muitas definições. Isso me ajudou a ter certeza de que tais habilidades são criativas, mas nenhum autor as agrupou por meio desses fatores. Com o SSP, o programa que usamos, fizemos um tratamento estatístico dos dados para reduzir as variáveis. Eu queria que resultassem em três componentes [risos], mas no final saíram quatro. Bom, a partir da forma como eles foram agrupados e estudando as habilidades ou atributos que se encaixam em cada grupo, descobri que me indicavam as etapas do processo criativo.

Então, existem habilidades como essas que comentamos, as flexíveis, que estão na primeira fase, quando estou definindo o problema e começando a buscar soluções. Lá eu tenho que deixar fluir a imaginação, a fantasia, a liberdade, a emoção gerada pelo contexto, que é o afeto pelo entorno. O afeto teria a ver com o fato de eu me deixar afetar e não é que seja um afeto negativo, o que também poderia ser, mas eu acho que na educação a gente deve buscar as emoções positivas. Esse conhecimento entra pela emoção e se entrar por uma bela emoção, melhor. Na segunda parte, já temos que começar a buscar soluções, buscar referências, usamos abstração, síntese, análise, que são operações cognitivas mais fáceis para todos. Acho que a escola nos educa muito para trabalhar na segunda etapa do processo criativo. Chamei isso de Cognição, porque aqui a fantasia não pode mais entrar tanto, senão eu nunca começo a resolver o problema. A terceira etapa, na qual acho que há muito trabalho a fazer como professores, é a vontade, que tem a ver com gerar a solução. Tenho que ter a motivação bem colocada, para poder seguir até terminar de desenvolver o meu produto sem hesitar. Isso tem a ver com autoestima. Por exemplo, aparece o senso de humor, o que me parece muito importante no final, rir de si mesmo. Além disso, perseverança, autodeterminação e autogestão, que também é uma espécie de liberdade, mas muito mais madura. Por fim, surge a empatia, que tem a ver com avaliação. Para mim, a empatia me diz como sou afetada pelo que eu desenvolvi na primeira etapa, pelo que eu deixei me emocionar. Inclui não apenas valores pessoais, mas também algo do entorno que entrou na etapa do afeto. Finalmente, se o entorno valoriza meu projeto, isso me mostra que fui empática e que consegui construir uma sinergia com aquele entorno.

Entrevistadoras:

Os termos que você adotou são excelentes, porque falamos muito sobre empatia no ensino de design, mas é a primeira vez que a vemos conectada dessa forma com o processo criativo, é uma descoberta.

Margarita Beatriz Flores Miranda: A descoberta do atributo Empatia foi muito interessante, foi um momento “Eureka” porque estávamos na fase de pensar em como iríamos chamar cada componente. Foi uma etapa muito difícil, foram uma ou duas semanas inteiras e então eu disse: e o último componente? Bernabé chamou de Criatividade, mas eu disse: não podemos chamar de Criatividade. E ele me disse: sim, claro, não podemos chamar de Criatividade, mas como chamamos? Então, ainda frustrada, eu disse: OK, vou parar de trabalhar por hoje e vou com alguns amigos passear pela bela Valência. No caminho para casa, de repente eu disse: claro, é Empatia! É isso que mostra que tenho empatia com o entorno, que o entorno e eu já estamos em diálogo. Há um autor que fala que durante o processo criativo existem Marcos Internos de Referência, mas que também há Marcos Externos de Referência e ambos existem em mim, eu construo os dois. E essa estrutura externa é tão importante quanto a outra.

Entrevistadoras:

Por último, uma pergunta de encerramento: qual é o maior desafio que você enfrenta no processo de desenvolvimento das habilidades criativas dos participantes de suas oficinas?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Bom, estou iniciando a oficina, mas posso contar as que encontrei agora que estamos com o primeiro componente, que seria o Afeto, pois estamos no primeiro momento do processo, identificando o problema. Tenho notado que as pessoas não param para identificar o problema. Definir esse primeiro problema que às vezes colocamos como uma pergunta: como posso?; ou como poderia?; é muito difícil. Há uma resistência [risos] em definir o problema, é algo muito interessante. Como professora, coloco-me no lugar deles, porque já decidi que também tenho que começar a fazer o exercício com eles. É muito difícil admitir que queremos resolver algo. Não sei exatamente porque, talvez porque tenhamos que parar de fazer outras coisas para começar a resolver isso. Gostaria, no campo da educação convencional, de ensinar-lhes o hábito de definir o problema. Acho que no final das contas é um hábito que, por algum motivo, tiramos do dia a dia, mas que ajuda muito a se comprometer com o processo criativo, porque você tem clareza do problema, vê a necessidade de resolver isso e não foge mais dele.

Entrevistadoras:

A maioria dos autores que falam sobre o processo criativo, em algum momento, dizem que a criatividade precisa de um propósito, tem que te levar a algo: o que você espera disso?; onde você quer chegar?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim. E esse “onde você quer chegar” tem a ver com algo além da sobrevivência, tem a ver com um desejo de crescimento, como um desejo pessoal de melhorar a mim mesmo e ao meu entorno.

Entrevistadoras:

Porque, no fundo, você está trabalhando com seres humanos, com a construção de formas de pensar.

Margarita Beatriz Flores Miranda: Sim, e na construção de uma ideia de si mesmo. Por exemplo, quando estudei na Inglaterra, aprendi muito sobre mim, sobre tudo o que não sabia, mas tudo o que queria saber, também sobre o pouco que sabia e que fazia bem. Para mim foi uma ocasião muito encorajadora. Eu estava sendo educada para ser arquiteta, mas havia algo na metodologia que me fez entrar em mim mesma. Eu acho que tem alunos que terminam a faculdade e ainda não sabem o que querem fazer, sem se conhecerem, preocupados com a forma como são julgados. Eles saem da faculdade sem ter feito nenhuma introspecção, há muito valor dentro de cada um, mas não o vemos.

Entrevistadoras:

A verdade é que também estamos formando cidadãos, pessoas que têm um papel no mundo. Em algum momento você tem que pensar. Que papel quero assumir no mundo? Sempre digo aos meus alunos de Design: a essência do design é configurar e reconfigurar o entorno, você é responsável pelo que cria e insere nesse ambiente, que papel você quer ter nessa construção do seu entorno e de si mesmo?

Margarita Beatriz Flores Miranda: Exato! Essa é uma boa maneira de começar uma aula. [Risos] Eu adoro isso.

Data de submissão: 30/03/2022

Data de aceite: 26/05/2022

Data de publicação: 01/06/2022

